

rumos agita o "black"

Rio (Sucursal) — A sucessão presidencial chegou ao mercado financeiro. Diversas declarações do economista Celso Furtado, favoráveis à desindexação da economia, sobretudo a eliminação da correção monetária para ganhos de capital, estão levando muita gente a retirar seus recursos de Cadernetas de Poupança e de CDBs para aplicação em dólares e bens tangíveis. Como se supõe que Celso Furtado exercerá grande influência na condução da política econômica, no caso do ex-governador Tancredo Neves vir a ser o próximo presidente da República, suas idéias começam a motivar atitudes tanto de investidores pequenos como de grandes instituições financeiras.

O candidato Tancredo Neves, justiça se lhe faça, tem sido extremamente cauteloso na abordagem de temas ligados à política econômico-financeira, mas o mesmo não ocorre com amplos setores partidários que pregam abertamente uma mudança radical nas regras de jogo da economia. A febre do dólar é, portanto, resultado de uma insegurança em relação às mudanças que poderão ocorrer na economia do país administrado por Tancredo Neves.

Especulação

O que caracteriza a manobra especulativa montada em cima de uma motivação político-psicológica (mudança de governo é igual à desindexação), é o comportamento do mercado paralelo de dólar, na sua abertura e no seu fechamento. Ontem, por exemplo, o mercado abriu com um lance de 200 cruzeiros acima do valor de fechamento da véspera, terça-feira. Se o mercado paralelo não estivesse artificialmente excitado, a diferença do valor de fechamento de um dia e o valor de abertura no dia seguinte, seria mínima. Outro dado que revela o caráter especulativo da corrida ao dólar é a grande diferença entre o preço de compra e o de venda. Com essa grande diferença, estimula-se a compra, ao mesmo tempo em que se inibe a vontade de colocar dólares à venda, porque a cada dia a própria televisão anuncia uma nova escalada da moeda americana.

Quebrarão a cara

Para os "doleiros" surgiu a oportunidade ideal de descontar os prejuízos que vinham tendo ao longo dos últimos quatro meses quando a cotação do dólar, no paralelo, se mantinha estável enquanto a cotação oficial subia semanalmente. A diferença entre a cotação do dólar no paralelo e no câmbio oficial chegou a ser inferior a 6 por cento. Agora a diferença já ultrapassa os 15 por cento.

Técnicos do Ministério do Planejamento garantiam ontem que os desavisados que estão tirando dinheiro das cadernetas e dos CDBs para aplicação em dólares sofrerão uma grande decepção em futuro imediato. Tanto as cadernetas quanto os depósitos a prazo fixo continuarão oferecendo rendimentos acima da inflação, como a cotação do dólar tenderá a estagnar durante muito tempo. Em outras palavras: muita gente vai quebrar a cara pensando estar salvando lavoura.

Mudança difícil

A tão decantada desindexação da economia não é tão fácil quanto propalam alguns teóricos e até alguns empresários que apóiam os candidatos de oposição. Consideramos o caso das cadernetas de poupança. A eliminação da correção monetária para esse tipo de aplicação significaria, no mínimo, a desmoralização da idéia de poupança por muitos anos. O Sistema Financeiro da Habitação ruiria automaticamente. Considerando, além disso, que mais de 8 milhões de pessoas são responsáveis por cerca de 20 milhões de cadernetas de poupança, somando vários trilhões de cruzeiros, a eliminação da correção monetária atingiria um contingente tão grande da população que nenhum governo, sobretudo disposto a convocar eleições diretas já, teria condições de suportar sua reação de decepção.

Entende-se, por esse motivo, a preocupação demonstrada pelo candidato Tancredo, durante encontro com empresários da indústria, anteontem, em relação à delicadeza do problema. O problema é que enquanto Tancredo se cerca de cautelas, o seu "meio" político levanta idéias e sugestões que já começam a perturbar o mercado financeiro.